

Juventude e pixação: a grafia como resistência na cidade¹

Thaís da Silva Ferreira
Universidade Federal de Goiás – UFG. Brasil.

Palavras-chave: Juventude, pixação, acesso à cidade

Introdução

Este tema é um desdobramento da pesquisa de mestrado realizada no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS/UFBA), em que pretendia investigar inicialmente as percepções da violência entre jovens moradores de bairros periféricos de Salvador, visando a compreender as altas taxas de homicídios da juventude negra. Contudo, suas narrativas apontaram uma maior preocupação de sua parte para com outro tipo de violência: a constante limitação que sofriam no acesso a determinados espaços da cidade. Constatou-se, por meio de um dos entrevistados, que a pixação² é um ato de liberdade e de acesso à cidade, uma vez que a partir dela, conseguia percorrer bairros e conhecer locais que jovens do seu bairro não conheciam. Na sua experiência como pixador conheceu locais turísticos, bairros boêmios e centrais, pois são esses os espaços escolhidos pelos pixadores nas grandes capitais. Esse jovem conseguia ocupar/acessar espaços que outros jovens não acessavam.

Nesse aspecto, a narrativa citada ilustra como iniciei e elaborei algumas questões para desenvolver pesquisa de doutorado executada na cidade de Goiânia. A pesquisa tem como objeto de estudo as práticas de jovens pixadores no espaço urbano. Sendo assim, utilizo técnicas mistas da metodologia qualitativa, empregando o método da bola de neve³ para chegar aos jovens em questão e posteriormente aplicar entrevistas semiestruturadas, grupos de discussões e observação etnográfica das suas práticas.

¹ Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

² A palavra pixação escrita com “X” e não com “ch” é a forma como os pixadores afirmam ser correta, é para eles uma forma de burlar as normas gramaticais da língua portuguesa oficial.

³ Bola de neve é um método utilizado em pesquisas qualitativas. É um tipo de amostragem onde a partir de um primeiro interlocutor o pesquisador pede referência de outro interlocutor. Dessa forma, consegue chegar ao grupo de interesse a ser pesquisado.

Meu objetivo principal é analisar de que forma os jovens pixadores de Goiânia constroem suas relações sociais na medida em que interagem com a cidade, partindo da hipótese de que tal prática representa uma forma de resistência e reivindicação do espaço urbano.

Nesse sentido, embora não possua ainda conclusões estáveis, mesmo por se tratar de uma pesquisa em andamento, pude perceber através das entrevistas⁴ que é por meio de suas pixações que – tal qual aquele jovem de Salvador – transcendem seus locais de origem e suas condições originais para ocupar outros espaços urbanos, modificando e apropriando-se deles para ali deixarem suas marcas.

Essa ação também aponta uma forma de transgressão aos olhos dos transeuntes e da sociedade que esses jovens estão inseridos. Dessa maneira, parto da ideia que a ação de pixar pode apontar para outra forma de transitar pela cidade. Mais do que apropriações “inadequadas” do espaço público e privado elas podem vir a ser uma nova forma de sociabilidade ou de vivenciar a cidade por um grupo de jovens que a partir da ação de pixar “ilustram” nos muros a presença daqueles que supostamente deveriam se manter invisíveis.

Para esclarecer de que modo isso ocorre, procuro articular nesse texto dois grandes eixos: o acesso à cidade como direito e a pixação como prática cultural de resistência.

Juventude e acesso a cidade

A sociologia e a antropologia têm compreendido a juventude e a relação que esse grupo estabelece com a cidade através de diferentes enfoques. Desde as primeiras pesquisas desenvolvidas pela Escola de Chicago, a juventude – especialmente a empobrecida - foi caracterizada e relacionada ao crime, a transgressão e a delinquência. O que corresponde a um certo imaginário histórico na sociedade sobre o uso do espaço público pelos jovens relacionado com “transgressão”, “desordem” e “delinquência”.

O estudo de Frederic Thrasher, por exemplo, é considerado um dos mais importantes trabalhos sobre juventude, delinquência e gangues juvenis. Sua pesquisa

⁴ Utilizei 4 entrevistas da atual pesquisa para dar embasamento e substancialidade ao texto em questão. São três homens com idade entre 23 e 25 anos e uma mulher de 24 anos atuantes na prática da pixação na cidade de Goiânia.

iniciou e influenciou os primeiros estudos sobre gangues juvenis em 1927 na cidade de Chicago nos EUA e também estudiosos de outros países.

O debate sobre juventude⁵ no Brasil dentro das Ciências Sociais tomou corpo no início da década de 1970 e, assim como as teorias da Escola de Chicago, também estavam relacionadas com questões de delinquência, crime, vivência nas ruas e drogadição.

A concepção tradicional da sociologia sobre juventude, de acordo com GROppo (2017, p. 35-36), baseia-se sobretudo nas teorias estrutural-funcionalistas, visto que contribuíram muito mais para o campo com suas descobertas empíricas -- a partir da perspectiva micro dos pesquisadores da Escola de Chicago, presente na obra de Frederic Thrasher (1964) e William Foote Whyte, por exemplo (2005) -- do que o desenvolvimento de argumentos teóricos explicativos defendidos na perspectiva macrosociológica de Talcott Parson (1968).

Para estes autores, os jovens eram compreendidos por meio de uma perspectiva psicológica de ‘desorganização social’. Ideia que esteve presente nos primeiros anos das pesquisas da Escola de Chicago e que deu início à boa parte do conhecimento científico na área de juventude.

Nesse aspecto, Abramo (1994,1997) destaca que as atividades criminosas e as possibilidades de ascensão social dos jovens marginalizados caminham juntas em meio a um cenário de quebra de valores e laços tradicionais, decorrentes do processo de imigração para as áreas urbanas. Tal concepção de juventude, como acentua a autora, baseia-se na sociologia funcionalista e, nesse sentido, a juventude é entendida como uma fase da vida em que os indivíduos processam a sua integração e se tornam membros da sociedade, por meio da aquisição de elementos apropriados da cultura e da assunção de papéis adultos.

No texto, procuro explorar o tema juventude (s) a partir de uma percepção plural, isto é, considerando principalmente o caráter multifacetado do conceito dentro da ótica classista (Bourdieu, 1983) e menos na interpretação de gerações (Feixa, 2006).

⁵ O conceito juventude corresponde neste trabalho indivíduos de 22 a 29 anos. Essa é a definição que consta no marco legal que criou a Secretaria e o Conselho Nacional de Juventude. Contudo, muitas pesquisas consideram como faixa etária juvenil a idade compreendida entre os 15 e os 24 anos. Nesse caso está sendo seguido um tipo específico de parâmetro internacional, estabelecido pela Unesco.

Atualmente, no Brasil, a juventude está representada por 51 milhões de jovens⁶. O acesso à cidade para este grupo específico envolve direitos sociais básicos, como por exemplo, direito a saúde, moradia, educação, transporte, lazer, esporte e cultura, que articulariam com diversas políticas públicas e nesse ponto a dualidade (desigualdade) da cidade também emerge como questão fundamental. A concentração de oportunidades e de recursos está quase sempre localizada nas regiões consideradas mais “centrais” da cidade e de forma oposta existe uma fragilidade de equipamentos e serviços nas regiões consideradas periféricas. Paralelamente a essa questão as grandes capitais enfrentam limitações no que diz respeito à mobilidade urbana tanto para adultos, quanto para os jovens. Sendo assim, a consequente falta de acesso aos equipamentos públicos⁷ é somente um dos exemplos de obstáculos para a efetividade do direito à cidade por parte dos jovens.

O ocupar e o transitar em uma cidade pela juventude, principalmente a juventude periférica, mas não somente ela, pode ser entendido de duas formas. Primeiro o acesso está relacionado a possibilidade de circulação, isto é, acesso às regiões centrais. E segundo está relacionado ao reconhecimento do espaço periférico e a valorização da periferia e do capital social ali produzido como legítimo. Meu interlocutor, Coyote, explica essa relação:

Muitas festas aconteciam nos setores sul e oeste e a gente ia do mesmo jeito. A gente ia a pé ou de buzão (risos). Mas também quando tinham as festas no setor Noroeste os playboys também iam até lá. Mas no dia - a - dia não frequentávamos esses setores não. Para mim as festas na periferia eram as melhores. O setor oeste e sul era bom para fazer os encontros das galeras e os rolês de pixo, mas as festas mesmo rolavam no Noroeste (Coyote, 2018).

O setor Oeste e Sul em Goiânia são setores majoritariamente habitados pela classe média em detrimento do setor Noroeste, considerado uma região mais periférica e de moradores mais simples da classe trabalhadora. Ele explica, também, que ocorria um trânsito entre grupos de classes sociais distintas, apesar de suas diferenças, quando diz que “os playboys também iam” até lá.

⁶ Segundo o Censo 2010 do IBGE, o Brasil possui mais de 51 milhões de jovens com idade entre 15 e 29 anos, o equivalente a 27% da população total; para a faixa etária de 15 a 24 anos, o total supera 34 milhões de pessoas, ou 18% da população aproximadamente.

⁷ Ver texto: .Juventudes e a desigualdade no Urbano. OXFAM. Texto on line, Brasil, nov.2015. Disponível em: <https://www.oxfam.org.br/sites/default/files/arquivos/encarte.pdf> .Acesso em: 05 nov.2018.

Nessa perspectiva, tanto o direito à cidade, quanto a circulação no espaço público urbano quase sempre foram mais experimentados por determinados grupos, segundo Caldeira (2014):

Desde os tempos de Baudelaire, vagar pela cidade foi mais para uns — homens, ricos, dândis — do que para outros — mulheres, pobres, negros, jovens. O controle dos movimentos em público nunca deixou de estar no cerne da preocupação dos governantes e das suas tecnologias de segurança. Desde os primórdios das cidades modernas, circular por circular, andar em grupos (sobretudo de homens jovens), dar uma volta, ou dar um rolê, são atividades que acabam sendo escrutinadas e, no limite, criminalizadas, a não ser que os protagonistas (em geral homens) pertençam a grupos privilegiados. (CALDEIRA, 2014, p. 13)

A prática de sair para pixar um espaço, nesse contexto, não é somente um caminhar pela cidade, mas é também um caminhar e deixar sua inscrição, sua identidade e dizer de onde vem a outros transeuntes. Dessa maneira, ao pensar na pixação como uma prática que se apropria da cidade, com um discurso próprio, temos um processo de criação da cidade como obra ou algo a ser construído e nessa lógica é possível entrever como o direito à cidade deveria abarcar novas necessidades e a diferentes demandas destes indivíduos (LEFEBVRE, 1991).

Dessa maneira, essa parcela da população – os jovens pixadores – aponta para a importância de poder circular pela cidade, apesar das restrições que lhes são impostas. Assim, no caso da cidade de Goiânia é possível considerar a dinâmica dos espaços públicos que são utilizados pelos jovens, ao mesmo tempo em que sofrem retaliações por parte da Polícia Militar, da Prefeitura e até da própria população local.

Exemplo disso é o evento musical conhecido como “chorinho”. Evento gratuito e que ocorre toda sexta-feira em local central da cidade e que de tempos em tempos é ameaçado por rumores de fechar por conta de brigas e outras situações violentas.

Outro exemplo é a Praça Universitária, localizada no setor leste universitário e que já recebeu o chorinho em anos anteriores mas teve as atividades do evento interrompidas devido a ocorrências de brigas e que mesmo agora está sempre cerceada pela cavalaria da Polícia Militar. Ainda assim tem todos os dias jovens sendo revistados e interrogados pela polícia militar pelo fato de estarem sentados nos bancos da praça. Sobre essa questão Anark comenta:

Eu sempre tive mais curiosidade de sair do bairro do que outros colegas, sabe? Mas muito lugar tem que pagar e os que são de graça a polícia está sempre presente, interrogando e procurando drogas com a gente. O Chorinho por exemplo, normalmente a confusão começa depois que a polícia chega. Moça num tem sossego. Mas na pixação não. Você sai a noite com uns amigos ou sozinho e a cidade é sua. Você vai onde você quiser (Anark, 2018).

A mobilidade urbana através do transporte público⁸ também apresenta diversos problemas, como o alto valor da passagem (de R\$4,00 a R\$5,20) e o frequente atraso para o repasse do valor do Passe Livre para os usuários são uns dos exemplos. Destaca-se aí a dificuldade cotidiana enfrentada pela juventude em relação a circulação em locais públicos de Goiânia.

Nessa perspectiva, o acesso à cidade por esta parcela da população – a juventude – é restrito, seja pela condição econômica de alguns, pela pequena opção de espaços gratuitos e mobilidade urbana ou pela violência sentida por eles. A pixação então, vem a ser uma forma de estar e ser visto na cidade. O que se assemelha com jovens de outras capitais e com outras práticas, como explica Pereira (2012),

Curiosa a similaridade, no caso do rolezinho, com o próprio uso da noção de rolê entre os pixadores: um passeio pela cidade, uma forma de usufruir de seus espaços com a finalidade de ver, ser visto e, concomitantemente, produzir certa história por meio de uma inscrição no muro, pois “quem não é visto, não é lembrado” (PEREIRA, 2012).

Sendo assim, percebe-se que o interesse de estar e viver na cidade pela juventude urbana vem a ser ponto importante a ser analisado e estudado de forma mais aprofundada. Pois do contrário estaremos sempre entendendo a presença da juventude como um problema e não como uma tentativa de resistência na cidade.

Desde as primeiras discussões sobre juventude urbana – Escola de Chicago - até os dias atuais a ideia de juventude está quase sempre atrelada a “problema”. A juventude nos espaços públicos é percebida na perspectiva da violência e da desordem, sem atentar para o contrário disso e que historicamente segue em uma análise que não se pergunta: quais os espaços criados com /para os jovens? Quais possibilidades de

⁸ Para saber mais ver: QUEIROZ, Eliani de Fátima Covem. Frente de Luta pelo Transporte e as manifestações de rua em Goiânia. Tese de doutorado apresentada no Programa de Pós-graduação em Sociologia – UFG 2017. 209 f.

usufruir a cidade são oferecidas para esta parcela da população? E se as construções de espaços pelos próprios jovens são respeitadas?

A juventude e a prática da pixação

Sendo assim, o que fica posto é que as cidades – de maneira geral – apresentam possibilidades e restrições para os transeuntes mais jovens a depender das categorias/classes que cada um está inserido (econômica, social, cultural)⁹. A partir da discussão feita no texto acima é possível perceber que as vivências de cada um na cidade vão depender de uma série de atributos; jovem, idoso, pobre, classe média, mulher entre outros.

No caso dos pixadores de Goiânia a possibilidade de vivenciar a cidade pode ocorrer através da prática da pixação. Segundo Anark explica,

Para mim espaço pixado é espaço ocupado. Isso pode ser tanto para quem teve seu muro pixado, quanto para o pixador que vai me reconhecer quando ver meu pixo. Ele vai saber quem sou e até saber de onde venho. As pessoas precisam saber que existe pixação, a cidade não é tão limpinha assim (Anark, 2018).

Nesse aspecto, o entrevistado aponta que o ato da pixação insere o pixador na cidade. Para ele é dessa forma que se vê reconhecido pelos seus pares e será visto pela sociedade. É então uma forma e uma prática de visibilidade.

A pixação é uma ação de “escrever”, “registrar”, “assinalar” nomes ou palavras em espaços públicos e privados de uma cidade. Importante frisar que somente no Brasil a pixação é entendida de forma distinta do grafite. Em outros países, todo e qualquer registro em locais públicos e privados vai ser nomeado unicamente como grafite (Pereira, 2010, p.148), pois o que vai marcar a diferença – permitido ou não permitido - na escrita de rua é que nos demais países o grafite pode ser ou não autorizado pelo proprietário do muro ou do espaço que é utilizado.

No Brasil o grafite se distingue da pixação principalmente pela estética, vai ser o tipo do traço, da grafia e também pela quantidade de cores e, principalmente, porque passou a ser “aceito” pela sociedade por ser, atualmente, entendido como

⁹ Para saber mais, ver: FERREIRA, T. S. Possibilidades e restrições no acesso à cidade por jovens da periferia de Salvador. Rev. Argumentos. Montes Claros, v.14, n.2, p. 199-215, jul/dez-2017. Disponível em: <http://www.periodicos.unimontes.br/argumentos/issue/view/65>

arte, estando inclusive em espaços destinados a contemplação e comercialização, a exemplo das galerias de artes. Dessa forma, o grafite é socialmente aceito em detrimento da pixação.

A pixação é uma prática ilegal no Brasil¹⁰, sendo tipificada como infração penal, um crime ambiental, não sendo bem vista pela sociedade em geral, porque comumente percebida como uma ação de vandalismo, de violência e que “suja” a cidade.

A pixação pode ser entendida como uma arte de rua ou uma arte marginal, caracterizada por uma escrita estilizada com o nome do pixador ou de seu grupo quase sempre monocromática feita majoritariamente com spray preto, pode se utilizar tinta látex, rolo ou pincel de lousa. Contudo, elucidar o que caracteriza a pixação, não é tão simples assim. Essa escrita tem se apresentado de forma diferenciada não só entre os diferentes grupos ou galeras¹¹ de pixadores de uma mesma cidade, mas também de uma cidade em relação à outra.

É possível afirmar que, a cada cidade e a cada grupo de jovens atuante nesta prática, a pixação vai ter uma grafia própria e uma identidade única. Na cidade de São Paulo, por exemplo, a pixação apresenta notoriedade nos altos prédios com traços retos e ângulos próximo do estilo norte-americano de pixação, designado “tag” ou “tag-reto”, cujo formato das letras são arredondadas e pontiaguda, lembra uma rubrica, segundo nos explica Pereira (2010, pg. 146), esse formato de letras redondas e que se diferencia da pixação dos grupos da cidade do Rio de Janeiro que têm preferência pelas janelas e portas de comércio sendo utilizada a técnica do tag e do grapixo¹². Essa última, segundo Silva (2017) se aproxima dos grupos da cidade de Teresina que também se apropriaram da técnica do grapixo. Já em Brasília a grafia é nomeada embolada onde as letras ficam juntinhas quase que no formato de uma sanfona.

Sendo assim, cada grupo de pixadores, a depender da cidade que habitam, vão estabelecer suas escritas com diferenças e analogias. A cidade de Goiânia apresenta traços que se assemelham ao de Brasília, mas também apresenta característica própria segundo afirmaram os interlocutores da pesquisa. Para além do tipo de grafia também é possível perceber que o grande espaço de visibilidade e

¹⁰ Citada no artigo 65 da Lei n. 9.605/1998 (Lei de Crimes Ambientais). A pixação tem penalidade de detenção de 3 (três) meses a 1 (um) ano ou aplicação de multa que tem um valor variado a cada estado ou município.

¹¹ Os diferentes grupos que atuam na pixação em Goiânia são conhecidos como galeras.

¹² Grapixo é uma outra técnica e grafia dentro da estilização da pixação

disputas entre os pixadores de Goiânia são os muros e as marquises baixas, ambos com maior visibilidade¹³.

Dessa forma, pode-se inquirir que a pixação pode indicar a existência de indivíduos em situação de invisibilidade, mas também implica na afirmação de uma memória em relação à existência deles nessa cidade. Nessa perspectiva, Alexandre Pereira (2016) aponta que:

De certo modo, podemos caracterizar a pixação como uma forma de letramento juvenil ou como outro uso da escrita, que diverge profundamente do modelo escolar. A pixação é uma forma imagética de escrita, criada por esses jovens para aventurar-se pela cidade, deixando sua marca nos mais diferentes lugares, buscando, assim, serem e serem vistos. As inscrições que deixam na paisagem urbana registram, ao mesmo tempo, uma imagem de si e a memória dessa circulação que fazem pela cidade com os amigos (PEREIRA, 2016, p. 81).

Por outro lado, mesmo quando os transeuntes veem a pixação não a entendem como comunicação, no limite a percebem como “sujeira”, “delinquência” até mesmo o “mau uso do espaço público”¹⁴. Sendo assim, qual é a intenção dos jovens pixadores com essa prática? A pixação é uma forma de resistência? Seria essa prática uma forma de vivenciar a cidade ou puro vandalismo?

O estudo sobre como a juventude participa da cidade e do espaço social se torna de extrema relevância na perspectiva dos pixadores, pois tal temática dialoga com outros importantes debates, como direitos humanos, diferença, violência, desigualdade social, criminalização da pobreza e políticas públicas de segurança para um determinado tipo de juventude.

Ao acompanhar os pixadores pela cidade de Goiânia foi possível perceber que tal ação é uma ação de sentido para eles. Nas narrativas desses jovens o ato de pixar não significa somente “pixar”. Existe um significado intrínseco e relacional. É quase que “se pixo logo existo”. Entre eles é comum um tipo de seleção para fazer parte do grupo e depois que está no grupo deve aprender e aperfeiçoar a grafia para poder participar de alguns rolês¹⁵ de pixação.

¹³ Essa percepção é resultado da observação etnográfica feita na pesquisa de doutorado junto aos apontamentos fornecido pelos entrevistados.

¹⁴ Conforme explica matéria jornalística publicada no site: <http://g1.globo.com/goias/noticia/2012/03/pixadores-desafiam-policia-e-revoltam-populacao-emgoiania.html>

¹⁵ Expressão utilizada por vários grupos de jovens e entre os pixadores também. Significa caminhar ou dar uma volta pela cidade.

Para além do controle do grupo sobre quem vai participar da saída ou do corre¹⁶ da pixação, esses jovens enaltecem também uma estética do pixo. Existe para eles o pixo considerado bem feito e o pixo feio ou mal feito, eles explicam quais os traços, a destreza, a simétrica que ele deve ter para ser considerado um verdadeiro pixo. Por consequência também existem os pixadores renomados e os mais considerados dentro do próprio grupo ou em relação aos pertencentes de outros grupos. São essas peculiaridades que possibilitam entender os pixadores e a pixação como uma ação de sentido e não um ato isolado de vandalismo, pois há de se considerar que existe uma técnica na forma e no fazer a pixação. Uma das pixadoras entrevistadas explica:

Então como eu te falei, o pixo que a gente viu agora não está enquadrado em relação ao tamanho do muro. O muro é grande e tem visibilidade, então cada letra teria que ser maior e estar alinhada em uma certa simetria, sabe? E veja a letra F, ela é feita três vezes, mas cada uma está de forma diferente. O cara que fez deve tá começando “risos” (Kaly, 2018).

Sobre a questão de achar a pixação vandalismo eles apontam uma visão crítica da cidade. Segundo Coyote, a pixação não se resume em puro vandalismo, já que aponta para uma espécie de composição da cidade;

Para mim toda cidade tem pixação. Isso é parte de toda cidade. Eu acho que a pixação é o cartão postal da cidade (risos). Isso demonstra que ali tem gente, tem pessoas, tem uma informação para quem chega. Entende? (Coyote, 2018).

Se considerarmos os espaços e as opções que as cidades tem ofertado para uso e ocupação da juventude podemos refletir porque uma parcela da juventude se sente invisibilizada ou não se sente pertencente aos lugares possíveis de trocas e de vivência.

A cidade de Goiânia, como apontado no texto anterior, cerceia determinados grupos de pessoas que frequentam os espaços públicos e os eventos gratuitos através da polícia e do alarde sobre ocorrência de violência frequente. Mas não é exatamente isso que os jovens apontaram sobre esses espaços. Na percepção deles, todo e

¹⁶ Expressão utilizada para dizer que alguém vai fazer algo, fazer o corre. Segundo os interlocutores também é possível confundir a expressão como roubar algo ou até pegar drogas.

qualquer espaço com pessoas terá acontecimentos imprevistos, violentos ou não. É o que se pode perceber na fala de Lótus:

A questão das brigas, os tiros que rolaram lá no chorinho ou até mesmo na época do chorinho na praça universitária é algo que acontece em qualquer outra casa noturna, danceteria ou boate da galera que tem grana. E a polícia num fica lá em cima como fica em cima da gente na praça universitária ou no chorinho. Por que? (Lótus, 2018).

Se a pixação é algo que compõe a cidade e os espaços públicos/privados é possível refletir a partir da visão desses jovens até que ponto é a pixação um ato de resistência e até que ponto esta prática poderia transmitir aos transeuntes a percepção de vandalismo e desordem na cidade. Poderíamos também pensar na perspectiva inversa, de como a pixação talvez seja o reflexo do que fazemos das nossas cidades e quais são os espaços possíveis de convivência que construímos ao longo do tempo.

Sendo este texto parte de uma tese de doutorado em andamento, ainda há muito a pesquisar e debater. Nesse momento apenas é possível refletir sobre alguns apontamentos dos interlocutores a respeito da pixação e como historicamente a sociedade tem se relacionado com as ações da juventude e a enquadrado sempre no aspecto marginal.

Referências

- ABRAMO, H. W. Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta, 1994.
- _____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. Revista Brasileira de Educação. n. 5 e 6, p. 25-36, mai.-dez. 1997
- BOURDIEU, Pierre. "A juventude" é apenas uma palavra". In: Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. 1983. P. 112-121.
- CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. Qual a novidade dos rolezinhos? espaço público, desigualdade e mudança em São Paulo. Novos estud. - CEBRAP [online]. n.98, p.13-20, 2014. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002014000100002>>. Acesso em: 28 jun. 2018.
- FEIXA, Carles. Generación XX. Teorías sobre la juventud en la era contemporânea - Rev. Latinoam, ciênc, soc, niñez juv [online]. 2006, vol.4, n.2, pp.21-45.
- FOOT-WHITE, Willian. Sociedade de esquina. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GROPPO, L. A. Introdução à sociologia da juventude. In: GROPPPO, L. A. Jundiaí: Paco editorial. 2017.

LEFEBVRE, Henri. O direito a cidade. São Paulo, SP: Moraes, 1991.

PAIS, J. M. "A construção sociológica da juventude - alguns contributos", Revista Análise Social, vol. XXV. Portugal. 1990.

PARSONS, Talcot. A classe como sistema social. In: BRITO, Sulamita de (Org.). Sociologia da Juventude. Vol III. Rio de Janeiro: Zahar, 1968, pg. 47-76.

PEREIRA, A. B. Visibilidade e escrita de si nos riscos do pixo paulistano. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 47, n. 1, jan/jun, 2016, p. 77-100.

_____. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. Revista Lua Nova, São Paulo, 79: 143-162, 2010.

SILVA, J. W. S. Pichando a capital: juventude, resistência e cultura em Teresina – Piauí. Edufpi. 2017.

TRASHER, Frederic Milton. The gang: a study of 1313 gangs in Chicago. In: BURGESS, Ernest W.; BOGUE, Donald J. (orgs). Contributions to urban Sociology. Chicago: University of Chicago Press, 1964. Cap.42, p. 655-662.